

# Descontinuidade e Transição

DISCONTINUITY AND TRANSITION

*Salma Tannus Muchail\**

## RESUMO

A consideração da descontinuidade como componente privilegiado nas investigações históricas de Michel Foucault é questão já muitas vezes discutida. A presente abordagem é uma reatualização do tema acrescentando-lhe e realçando a noção de transição no decurso da história. Esta abordagem toma como exemplo uma situação histórica específica – a passagem do Renascimento à Idade Clássica – e como figura de referência, a descrição foucaultiana de Dom Quixote.

**PALAVRAS-CHAVE:** Descontinuidade; transição; Foucault; Dom Quixote.

## ABSTRACT

The problem of the historic investigations in the research work of Michel Foucault is many times object of discussion. In this article this theme is touched by the side of the concept of transition in the course of history. In this way, one specific historic situation is taken as example – the transition of the Renaissance to the Classic Age – and as reference is the foucaultian description of Don Quixote.

**KEYWORDS:** Discontinuity; transition; Foucault; Don Quixote.

---

\* Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Desde a publicação dos primeiros livros de Michel Foucault a questão da continuidade ou da descontinuidade na investigação histórica esteve presente. Histórias que não buscam origens, nem teleologias, nem linearidade progressiva, suas investigações incorporam o descontínuo como componente privilegiado do enredo histórico. Entretanto, a incorporação da descontinuidade, na contra-mão das investigações tradicionais, acabou por provocar junto aos leitores de Michel Foucault, um certo movimento inverso de despreço por qualquer vestígio de continuidade. Assunto polêmico, o próprio Foucault dedicou -se a esclarecê-lo em várias ocasiões. É bem provável que desde tantos estudos a respeito, a questão não se coloque mais, ou pelo menos não mais com a mesma necessidade de “escolha” entre os polos. Entretanto, pode ser revisitada sob outros enfoques. Parece-nos oportuno reatualizá-la realçando, na descrição de descontinuidades, não somente as diferenças mas também as transições. Apresentaremos uma situação histórica específica, a título de amostragem ou exemplo, e a partir dela, algumas reflexões.

\*\*\*\*\*

Os primeiros grandes livros de Foucault, *História da loucura na idade clássica*, *O Nascimento da clínica*, *As Palavras e as coisas*, percorrem, como sabemos, três períodos históricos: o Renascimento (por volta do século XVI), a Idade Clássica (séculos XVII e XVIII) e a Modernidade (séculos XIX e XX). Neste percurso, interessa sobretudo fazer ver as di-

ferências que permitem traçar os dois cortes desta demarcação: primeiro, o corte do Renascimento à Idade Clássica; segundo, o da Idade Clássica à Modernidade. O volume maior da descrição recai sobre o classicismo uma vez que o objetivo principal é compreender nossa Modernidade pela sua diferença com o que a precede.

Ao retomar esta temática, nosso propósito é apenas realçar certas características menos estudadas que acompanham os cortes, detendo-nos apenas no primeiro, isto é, do Renascimento à Idade Clássica, mediante a releitura de passagens de um dos livros, *As Palavras e as coisas*.

No Renascimento os saberes são produzidos segundo o critério da semelhança entre as palavras que nomeiam as coisas e as coisas nomeadas. Conhecer é decifrar a linguagem das coisas, de dois modos: ao modo da erudição que é decifração dos livros escritos; ao modo da magia ou adivinhação que é a decifração da escrita divina no grande livro da natureza. Na Idade Clássica as palavras já não estão mais inscritas nas coisas; sem similitude alguma, palavras e coisas se distanciam. Conhecer é então representar as coisas em ideias e as ideias em palavras que são, portanto, representações das representações. Na Modernidade, coisas e signos se mostrarão na sua história e a própria linguagem se tornará coisa, ou melhor, objeto de conhecimento.

Entre o capítulo II (“A prosa do mundo”) dedicado ao Renascimento, e os capítulos IV, V, VI, que descrevem o classicismo, está intercalado o capítulo III (“Representar”), cujo primeiro item traz o título “Dom Quixote”. Esta disposição do item na estrutura do livro já sugere uma per-

gunta: onde o “Dom Quixote” de Foucault? Não mais no Renascimento? Não ainda na Idade Clássica?

O livro de Cervantes é composto de duas partes. Na primeira, o personagem busca a semelhança, não porém como se os nomes estivessem impressos nas coisas. Agora, é a partir de escritos (os livros de cavalaria) que o personagem vai buscar a verdade da escrita do mundo. Não mais decifrar a linguagem a partir das coisas, mas, a partir dos livros, decifrar suas realizações em coisas. No entanto, o próprio Dom Quixote é signo, escrita: “*longo grafismo magro como uma letra, acaba de escapar diretamente da fresta dos livros (...), feito de palavras entrecruzadas; é escrita errante (...)*” (Foucault, 1999, p. 64). Por isto mesmo, sua busca é devaneio e o resultado é desilusão.

A magia, que permitia a decifração do mundo descobrindo as semelhanças secretas sob os signos, não serve mais senão para explicar de modo delirante porque as analogias são sempre frustradas. A erudição, que lia como um texto único a natureza e os livros, é reconduzida às suas quimeras: depositados nas páginas amarelecidas dos volumes, os signos da linguagem não têm como valor mais do que a tênue ficção daquilo que representam. A escrita e as coisas não se assemelham mais. Entre elas, Dom Quixote vagueia ao sabor da aventura (Foucault, 1999, p.65-66. Os grifos são nossos).

Dom Quixote vagueia, nos confins do Renascimento.

Na segunda parte do livro, o personagem – representação duplicada, signo que representa um signo - encontra quem nele reconheça o “*herói*” da primeira parte do seu próprio livro, “*homem real*”. Porém, este seu livro ele jamais leu nem pode ler, “já que ele o é, *em carne e osso*” (Foucault, 1999, p.66).

Entre a primeira e a segunda parte do romance, no interstício desses dois volumes e somente pelo poder deles, Dom Quixote assumiu sua realidade, Realidade que ele deve somente à linguagem e que permanece totalmente interior às palavras. A verdade de Dom Quixote não está na relação das palavras com o mundo, mas nessa tênue e constante relação que as marcas verbais tecem de si para si mesmas. A ficção frustrada das epopeias tornou-se no poder representativo da linguagem. As palavras acabam de se fechar na sua natureza de signos (Foucault, 1999, p. 66-67. Os grifos são nossos)

Dom Quixote fechando as palavras na sua natureza de signos e abre o portal da Idade Clássica. De certo modo também aponta para a Modernidade na medida em que faz aparecer a linguagem em seu “*ser bruto*”, isto é, “*tornada literatura*” (Foucault, 1999, p.67).

\*\*\*\*\*

Evoquemos algumas reflexões.

1º. A primeira nos é explicitamente proposta no texto de Foucault. O protagonismo de Dom Quixote e a escrita romanesca de Cervantes, fazem aparecer duas personagens em mútua relação: o louco e o poeta. O louco vê semelhanças em tudo, “toma as coisas pelo que não são e as pessoas umas pelas outras”, “inverte todos os valores e todas as proporções”, faz valer o domínio do “homossemantismo”; o poeta, “por sob as diferenças nomeadas e cotidianamente previstas, reencontra os parentescos subterrâneos das coisas”, faz valer o “alegórico”(Foucault, 1999,p.68).

Assim, na orla exterior da nossa cultura e na proximidade maior de suas divisões essenciais, estão ambos nessa situação de ‘limite’ – postura marginal e silhueta profundamente arcaica – onde suas palavras encontram incessantemente seu poder de estranheza e o recurso de sua contestação (Foucault, 1999, p.68. O grifo é nosso).

Em situação de limite, ambos, o louco e o poeta, embora distintos, transitam entre suas próprias fronteiras.

2°. A segunda reflexão reconduz à pergunta: “onde, o Dom Quixote de Foucault?” Se compararmos os capítulos sobre o Renascimento em *As Palavras e as coisas*, com os capítulos equivalentes em *História da loucura*, lá também encontraremos um paralelo possível entre a Nau dos loucos e o Hospital Geral, vertentes extradiscursivas da sensibilidade à loucura, respectivamente no Renascimento e na Idade Clássica, assim como entre as vertentes discursivo-filosóficas, como Montaigne e Descartes. São momentos históricos distintos, descontínuos, ainda que comportem também relações de cruzamentos. O romance de Cervantes ilustra, literariamente, certos momentos históricos intensamente transitivos, momentos móveis, que não são mais e não são ainda, quando a descontinuidade significa menos uma ruptura brusca que um limiar de ultrapassagem. Figura “entre”, “intervalar”, “interstício”, a meio-caminho do Renascimento e da Idade Clássica, Dom Quixote está na linha divisória, é passagem e ponte, é mudança e transgressão.

3º. A última reflexão nos encaminha à nossa atualidade. Estamos imprevisivelmente imersos em uma situação global de exceção, uma pandemia. A visão sem recuo de uma atualidade demasiadamente imediata arrisca-nos a só ver o já visto e pensar obviedades. Entretanto, talvez não seja tão óbvio reconhecer nesta situação um certo traço de transição que nos dê a ver e pensar diferentemente, como diria Foucault. O momento que vivemos nos chegou sem aviso, instalou-se paradoxalmente provisório e não oferece perspectivas. Veio assim, como que do nada, confinou nossos planos, e não indica metas. É certo que os momentos da história assim como os do cotidiano de cada um de nós são sempre incertos e provisórios. A novidade do momento atual é que ele torna visível e pensável a própria provisoriedade. Uma marca divisória entre o que foi e o que virá? Um chão sem-chão? Fronteira? Passagem? Precisamente porque assim, desmascaradamente movediço, este momento, vivido como ameaça, pode também ser visto e pensado como limiar de mudanças, invenção de alternativas, abertura de possibilidades. Sabemos que abrir possibilidades não significa forçosamente abrir possibilidades melhores. A história continua sem origem, sem teleologia e portanto sem necessária determinação de progresso. Mas quando podemos ver e pensar nosso tempo como “o que não é mais” e “o que ainda não é”, vemos e pensamos de perto nossa condição, vizinha à do louco e do poeta, condição de transição, de “tornar-se outro”.

No mesmo capítulo em que insere seu “Dom Quixote”, Foucault questiona:

Não é fácil estabelecer o estatuto das discontinuidades para a história em geral. Menos ainda, sem dúvida, para a história do pensamento. Pretende-se traçar uma divisória? Todo limite não é mais talvez que um corte arbitrário num conjunto indefinidamente móvel (...). Como pode um pensamento esquivar-se diante de outra coisa que ele próprio? Que quer dizer, de um modo geral: não mais poder pensar um pensamento? E inaugurar um pensamento novo? (Foucault, 1999, p. 69).

## Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michael. *As Palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.brasileira de S.T.Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 8ª edição, 1999.